

QUEBRANDO O SILÊNCIO

É HORA DE FALAR SOBRE ESTE ASSUNTO

Material de apoio preparado pelo Departamento dos Ministérios da Mulher da Divisão Sul Americana para o quarto sábado de Agosto de 2003

Violência Doméstica

As mulheres são 51% da população mundial, chefiam 33% dos lares. No entanto a cada 15 segundos uma delas é espancada. É o que diz o relatório sobre as situações sociais, econômicas e jurídicas da mulher brasileira. (Fonte: ibid)

No Rio de Janeiro, numa pesquisa da Universidade Federal sobre “violência doméstica”, o tipo mais comum de violência é a sexual (31,6%), seguida de maus tratos físicos (27,7%), negligência (24%) e abuso psicológico (15,8%). Na maioria das vezes, o algoz é o pai ou o padrasto.

Segundo o ISER (Instituto de Estudos Religiosos), as agressões contra mulheres, cometidas pelos seus parceiros, dobraram nos últimos nove anos.

A maioria dos casos é de lesão corporal. Na maioria dos casos, mulheres entre 19 e 29 anos, agredida pelos próprios parceiros. O que causa tristeza é saber que somente 15% dos homens que agredem mulheres hoje são punidos.

Estes dados devem levar a uma reflexão por parte da igreja e seus líderes. Um outro caminho é estar consciente de que o problema acontece em famílias de nossas igrejas. Ignorar ou achar que o problema não existe é adotar uma postura de omissão.

O que podemos fazer?

1. ***O primeiro caminho é, sem dúvida, de caráter educativo.*** É esta educação que a igreja em todo o mundo está trabalhando para ser uma realidade dentro do Dia da Ênfase Contra o Abuso através dos materiais Quebrando o Silêncio. Esta educação pode ser através de palestras, filmes que abordam a questão, debate, sermão, seminários. Os pastores podem pregar mais sobre o assunto. Precisamos frisar a idéia de que Deus não nos criou para sermos maltratados.
2. ***Devemos educar nossas crianças a se defenderem.*** Não confundir disciplina com abuso físico. É bom dar uma perspectiva bíblica sobre disciplina e educação de filhos.
3. ***Prover mecanismos de apoio às vítimas.*** Precisamos dizer que elas não estão sozinhas. É importante criar na igreja uma atmosfera de confiança e segurança: um refúgio seguro.

4. ***Desenvolver programas de apoio às vítimas.*** Famílias podem ser cadastradas como fonte de ajuda a estas vítimas.
5. ***Aconselhamento pastoral às vítimas.*** As igrejas podem pensar numa capacitação contínua dos seus líderes neste sentido ou criar um departamento de aconselhamento cristão que muito pode contribuir para a cura emocional dessas pessoas.

O assunto é difícil, mas, é preciso romper o silêncio, acima de tudo com uma proposta bíblica onde o amor, compreensão, apoio, ajuda e confrontação sejam elevados de forma clara e relevante.

Se como igreja queremos fazer a diferença temos que encarar esta realidade. Muitas vezes cultivamos uma visão romântica da família, como se esses problemas não acontecem. A realidade familiar, às vezes é cruel e dolorida.

São para esses e outros tipos de problemas familiares que devemos ser mensageiros da graça de Cristo.